

O USO DE INTERTEXTOS COMO FERRAMENTA DE ANÁLISE DE DADOS EM PESQUISA EM EDUCAÇÃO.

Prof. Ms. Francisco Amancio Cardoso Mendes^{a,b,c}

(frmendes@usp.br)

Prof. Dr. Cristiano Rodrigues de Mattos^{a,b,c}

(mattos@if.usp.br)

^aFaculdade de Ciências – UNESP – Bauru

^bInstituto de Física – USP – São Paulo

^cFaculdade de Educação – USP – São Paulo

RESUMO

Este trabalho visa apresentar uma ferramenta para análise de dados de pesquisa em educação baseada no discurso dos agentes participantes através de suas múltiplas vozes e construções frásicas: os intertextos. Esta metodologia já foi aplicada com sucesso em pesquisa realizada por nós anteriormente cujo *chat* era a ferramenta auxiliar na aprendizagem. A idéia de identificar intertextos é baseada na definição dada por Maingueneau (1989) que nos apresenta algumas definições, ou classificações, dessas formas de interação, na verdade, muito mais na maneira em que posso observar e analisar o tipo de interação existente entre cada personagem do discurso. O mesmo atribui o conceito de intertexto ao conjunto dos fragmentos que uma formação discursiva efetivamente cita, ou conjunto de fragmentos de um diálogo que permanece mantendo sentido, mesmo não tendo a mesma forma original.

Palavras-chave: Intertexto, Ensino-Aprendizagem, chat, Interação, Discurso.

ABSTRACT

This paper seeks to present a tool for analysis of research data in education based on the participant agents' speech through their multiple voices and phrasal constructions: the intertexts. This methodology was already applied with success in research accomplished previously whose chat was the auxiliary tool in the learning. The idea of identifying intertexts is based on the definition given by Maingueneau (1989) that presents to us some definitions, or classifications, to those interaction forms, actually, much more in the way that we can observe and analyze the type of existent interaction between characters of the speech. Maingueneau attributes the intertext concept to the group of fragments that a discursive formation mentions, or group of fragments of a dialogue that keeps sense, even if it doesn't have the same original form.

Keywords: Intertext, teaching-learning, chat, interaction, discourse.

INTRODUÇÃO

Este trabalho teve início com o resultado da análise dos dados de uma investigação sobre um método que auxiliasse professores e estudantes no processo de ensino-aprendizagem de Física em sala de aula. Nossa pesquisa, cujo objetivo foi propor e verificar uma metodologia utilizando-se de ferramentas disponíveis na Internet, consistia em propiciar aos alunos uma possibilidade de debaterem livremente sobre problemas cujas soluções perpassassem conteúdos específicos de Física, utilizando-se o *chat* como ferramenta auxiliar e fazendo com que os mesmos tornassem-se os parceiros mais capazes de seus colegas em sala de aula presencial. Para tanto, tivemos a necessidade de usar uma ferramenta metodológica de análise de dados denominada de intertextos (Maingueneau, 1989) que se baseou em referenciais teóricos da lingüística e da lingüística textual (LT).

A busca por uma nova ferramenta de análise se dá não apenas no âmbito quantitativo, mas, principalmente, no qualitativo da pesquisa em educação. Estas ferramentas ajudam ao pesquisador olhar o seu ambiente de observação como uma fonte rica de interpretações e de possíveis caminhos, fazendo com que o mesmo possa, ao avaliar seus dados, direcionar-se para a sua hipótese primeira ou ainda para a extrapolação de suas idéias.

Apesar de grande parte das pesquisas em educação de Física geralmente voltarem seus olhos à transposição ou aquisição de conceitos específicos, fazendo-se uma espécie de jogo entre o que se quer ensinar, como se quer ensinar e o que realmente se aprende, temos também uma parcela, não muito pequena, de pesquisadores que buscam ver além dos seus dados e além de suas interpretações encerradas em extensas transcrições. Uma vez colocado o problema da pesquisa, a resposta se dá pelo que lhe é mostrado e pelo que pode ser observado. Uma avaliação rápida em quaisquer dados nos mostra efetivamente de maneira quase natural resposta à pergunta feita inicialmente, seja refutando a hipótese aviltada, seja em concordância a ela. Mas será que não poderíamos extrair dali mais informações?

Talvez essa dificuldade em se observar os dados em detalhes se deva não à tendência do pesquisador, mas sim à ferramenta de análise que é utilizada e que muitas vezes limita o campo de visão do pesquisador. Claro que devemos levar em conta também as exaustivas horas debruçadas em transcrições de imagens, sons, gestos e relatos de agentes participantes da pesquisa, mas, termos à mão ferramentas que nos auxiliem durante este importante processo de interpretação de análise dos dados, será sempre produtivo.

Antes de discorrermos sobre a ferramenta metodológica utilizada com a ajuda de referenciais teóricos da lingüística, é importante, porém, que o leitor tenha um rápido contato com a nossa pesquisa propriamente dita, para que possa entender a origem dos dados que são apresentados aqui e que nos levaram à utilização do método de intertextos para facilitar a análise destes mesmos dados aqui apresentados.

A Pesquisa

A proposta da pesquisa foi apresentar uma metodologia para o ensino de Física usando o *chat* como uma ferramenta de ensino-aprendizagem. O seu objetivo principal estava centrado na formação de um grupo de estudantes que, durante o ensino formal, contribuísse com o papel do

professor na transposição dos conteúdos de Física para a classe. A hipótese desta pesquisa foi que, se os alunos são expostos ao assunto antes das aulas formais, por meio de discussões para a resolução de problemas predeterminados, eles podem assumir o papel de parceiros mais capazes dentro da sala de aula. Nosso interesse foi trabalhar com a necessidades por novas metodologias que levassem os alunos de uma posição passiva para outra ativa, de acordo com as demandas de produção de conhecimento. Conforme Rovai (2003), esta transição de atitude é fundamental para a aprendizagem ser construtiva e estável.

Baseada nas suposições teóricas do sócio-interacionismo (Vigotski, 1962) e na análise dos gêneros do discurso (Bakhtin, 1986), a análise dos dados realizada com elementos da lingüística textual (Fávero&Koch, 1983; Fávero, 1991; Halliday, 1994), e principalmente através da construção de intertextos (Maingueneau, 1989), permitiu observar que houve uma mudança no hábito dos estudantes na sala de aula, tanto no aspecto afetivo como também em aspectos cognitivos.

A escola como um lugar de união de interesses comuns permite o espaço virtual se tornar um lugar de aprendizagem colaborativa. Estas comunidades de aprendizagem permitem que os estudantes, os professores e investigadores, com os mesmos interesses, comecem e desenvolvam a solução de problemas mútuos.

A metodologia que nós desenvolvemos consistiu em usar, basicamente, o ambiente síncrono de internet, chamado *chat*, como um ambiente colaborativo para a promoção de um debate entre alunos do Ensino Médio, cuja faixa etária variou de 14 a 16 anos. Em princípio, a estratégia consistia em escolher o conteúdo, ou conceito específico, que foi o foco do problema a ser discutido no *chat* e que depois foi visto no curso formal, dentro da sala de aula. O debate começou com um problema diário cuja solução física se tratava da compreensão do conceito escolhido.

A pesquisa, realizada em 2003, foi desenvolvida basicamente em duas etapas: a primeira, em ambiente virtual, se dividiu em duas partes: a sessão de *chat* e os e-mails posteriores às sessões; a segunda, em ambiente presencial, que consistiu na observação da participação destes estudantes nas aulas presenciais na escola onde estudavam. O principal objetivo dessa segunda etapa foi observar o quanto os estudantes, que participaram dos *chats*, contribuíam no processo de ensino-aprendizagem das aulas presenciais.

O número de estudantes foi decidido segundo critério de comunicabilidade em discussões em *chat*. Algumas de nossas experiências anteriores mostram que se o número de participantes for maior que 8 ou se não houvesse constância nos horários e duração das sessões, haveria um esfacelamento das estruturas de grupo, impedindo análises mais consistentes dos diálogos registrados. Desta forma trabalhamos com 6 participantes, com dias e horários fixos para os encontros, bem como estabelecemos uma duração de 40 a 50 minutos por sessão.

Foi acordado entre cada grupo de alunos que todas as informações referentes à pesquisa (questionários, comentários sobre as sessões de *chat*, relatos etc.) deveriam ser trocadas via internet, por meio de mensagens síncronas (*chat*) e assíncronas (e-mail).

As sessões de *chat*, chamada posteriormente pelos alunos de “debate”, começavam quando o mediador lançava uma pergunta, extraída do cotidiano dos estudantes, e que

envolvesse os conceitos físicos escolhidos previamente, necessários para uma explicação física do fenômeno em questão, mas que ainda não tivessem sido explorados em sala de aula presencial. Na sessão analisada, os alunos deveriam chegar a uma definição de força centrífuga, tendo visto, em aula presencial, apenas os conceitos básicos das três leis de Newton.

Após a elaboração da pergunta, o papel do moderador era apenas permitir que o debate fosse uma discussão livre, com o menor número possível de interferências, i.e., só interferindo com perguntas que pudessem contribuir para resolver dúvidas entre os componentes da discussão ou manter o debate sob controle. O objetivo era o de permitir que os alunos chegassem, de forma auto-organizada, a uma solução para o problema, fosse científica ou não, mas que fosse de consenso. Ao mediador cabia apenas delimitar os delírios, interferindo com perguntas que pusessem em cheque as soluções mais improváveis e fizesse com que o grupo suscitasse uma ou mais soluções para o problema, cuja precisão científica não era um requisito.

Este debate durou três dias, em três semanas, gerando desta forma três sessões de *chat*, as quais foram analisadas com o auxílio da construção de intertextos. Utilizamos como instrumento teórico de análise de dados os conceitos de análise do discurso, mais especificamente de lingüística textual. A análise neste artigo se refere exclusivamente aos instrumentos virtuais síncronos adotados.

Segundo Fávero (1991), a lingüística textual utiliza-se de textos delimitados, onde início e final estão determinados de maneira clara e as demarcações mais evidentes são devido às mudanças na interação entre os indivíduos que são os produtores ou receptores do texto que é a unidade teoricamente refeita, subjacente ao discurso, onde discurso passa a ser a unidade que pode ser observada e interpretada a partir do que se ouve ou do que se vê.

Assim, utilizamos as definições básicas de algumas correntes da lingüística textual que seguem a linha da *análise do discurso* (AD) em virtude dos nossos dados terem apresentado características específicas que se encaixam em argumentos da gramática textual como os apresentados por Fávero (1991).

No *chat* é possível observar que o aprendizado é disposto por meio do diálogo, levando os participantes a formar seus próprios *modelos* de solução. Por meio da interação dialógica, os *conceitos* são utilizados de forma que permite que os estudantes continuem a se expor e a ampliar suas curiosidades. Além disso, os *chats* integram formas complexas e completas de se comunicarem e podem ser considerados, portanto, uma linguagem. Segundo Hyelmslev (apud Fávero&Koch (1983)), qualquer ato de linguagem é um texto, portanto qualquer língua passa a ser um texto. Justifica-se o uso da lingüística textual na AD de uma sessão de *chat* e posterior ambiente presencial de sala de aula, na existência de três funções da linguagem: o contato, o código e a mensagem e o processo da comunicação.

O que buscamos na lingüística textual é a concordância em aceitar que muitos elementos estruturadores atuam como conectores, e, de acordo com Halliday (1973), existem três macro-funções claras: **ideacional** - a que chamamos de referencial da linguagem -, **interpessoal** - em relação à posição locutor e ouvinte - e **textual** - que nos permite estruturar os textos de acordo com o contexto.

Desta forma, um conceito semântico importante, dentro da lingüística textual, é o conceito de *coesão textual*, que delimita as fronteiras de um texto, dando-lhe caráter de texto ou não, por se referir às relações de sentido que se estabelecem entre os diversos enunciados, fazendo com que a interpretação de seus elementos esteja vinculada a uma dependência entre outros.

Apesar de funcional e lógica, a estrutura não-linear de uma sessão de *chat*, exige que iniciemos a análise dos dados levantando os elementos textualmente coesivos, uma vez que, de acordo com Fávero (1991):

a coesão (...) é uma relação linear entre as sentenças, não sendo nem necessária nem suficiente para a coerência, já que pode haver textos destituídos de coesão [como os chats], mas cuja textualidade se dá no nível da coerência,(Fávero,1991)

Desta forma, foi necessário reestruturarmos o diálogo das sessões de *chat* como *intertextos* (Maingueneau 1989), que definiremos a seguir..

Construção de Intertextos

A idéia de identificar intertextos é baseada na definição dada por Maingueneau (1989) no que o mesmo atribuiu ao conjunto dos fragmentos que uma formação discursiva efetivamente cita, ou conjunto de fragmentos de um diálogo que permanece mantendo sentido, mesmo não tendo a mesma forma original.

Devido à estrutura não-linear, apesar de funcional e lógica, de uma sessão de *chat*, levantamos os elementos textualmente coesivos, uma vez que, de acordo com Fávero (1991): “a coesão (...) é uma relação linear entre as sentenças, não sendo nem necessária nem suficiente para a coerência, já que pode haver textos destituídos de coesão [como os *chats*], mas cuja textualidade se dá no nível da coerência”, desta forma reestruturamos o diálogo das sessões de *chat* no que Maingueneau (1989) definiu como *intertexto*.

No *chat*, esta estrutura pode ser encontrada buscando-se, nas várias sentenças, uma seqüência lógica através da coerência textual, independentemente da coesão textual linear existir ou não. Em outras palavras, num *chat*, os intertextos geralmente devem ser encontrados não necessariamente em textos com seqüências lineares, mas apenas com sentido lógico. Para que a posterior análise tivesse êxito, efetuamos uma análise prévia das conversas (bate-papo) separando-as e identificando-as em intertextos. Esta análise prévia dos dados podemos dividir em duas partes.

PARTE 1

Após gravarmos a discussão em disco rígido, procuramos conjuntos de sentenças dialógicas possíveis que, juntas, faziam sentido, ou seja, tinham coesão textual. Estas sentenças então recebiam o mesmo número.

Procuramos relacionar também quem estava respondendo a quem ou quem estava falando com quem, isso fez com que identificássemos rapidamente as coesões textuais existentes e algumas propriedades definidas pela LT. Esta identificação era feita utilizando-se um código sugerido por nós através do uso de colchetes contendo a referência da pessoa a quem este participante estava se referindo e, às vezes, a que inserção se referia.

Caso, dentro de um determinado intertexto, os discursos (neste caso falas ou sentenças) dos participantes aparecessem de forma seqüencial, esse discurso levava apenas o número do intertexto correspondente. Mas, se um determinado participante se referisse especificamente a alguma interação de outro personagem do *chat*, precisávamos identificar (através dos colchetes) a que inserção o mesmo se referia. Podemos ver, por exemplo, que no *intertexto 18* a *aluna 3* faz um comentário (“haha essa propagande eh boa...mas eh do ariel e naum do omo”) referente a uma fala anterior do *aluno 2* (“vc nunca viu a propaganda do OMO progress?”), esta interação então recebeu a identificação de “**18 [A2]**”.

No mesmo intertexto, podemos notar ainda, que o moderador interpela (“Como assim...?”) a segunda interação do *aluno 2* (“os krinhas limpando as roupas de fibra em fibra”), recebendo assim a identificação “**18 [A2(2)]**”.

Se observarmos os fragmentos selecionados e apresentados a seguir, perceberemos que, por vezes, uma mesma interação “se encaixa” em mais de um intertexto, desta forma, a identificação passa a ser “**20 [P],18,19**”.

É importante salientarmos que toda esta análise da relação de coerência e coesão do texto produzido pelos participantes foi efetuada considerando-se o pretexto proposto inicialmente, dentro de um contexto de ambiente virtual de interação dialógica, visto que, no caso do *chat*, se mostrou extremamente produtiva e eficiente.

PARTE 2

Com o término da identificação de todas as seqüências as mesmas eram agrupadas, ou seja, agrupávamos seqüências a que atribuíamos o mesmo número de intertexto, em outras palavras, cada sentença que recebia um número, se relacionava ao mesmo assunto e cada vez que este assunto era alterado, o número da seqüência também o era.

Uma vez agrupadas as seqüências, procurávamos verificar se existia, realmente, uma seqüência lógica de interação, ou seja, se havia de fato uma coerência textual.

Com esses intertextos separados e devidamente identificados, procurávamos neles elementos da LT que pudesse nos mostrar uma relação de interação e crescimento no discurso, efetuando assim uma análise próxima ao contexto observado.

Para exemplificar como foi efetuada a separação e identificação de alguns intertextos, apresentamos a seguir alguns fragmentos desta sessão de *chat* da turma 1-C, lembrando que desprezamos os 5 primeiros intertextos, os quais se referiam apenas aos cumprimentos, às boas-vindas e às explicações iniciais.

Devido a cada sessão de *chat* produzida gerar em torno de 20 a 30 páginas para análise, preferimos apresentar apenas uma seção na íntegra. Porém, caso o leitor tenha interesse em ter acesso a todos os dados poderá fazê-lo se comunicando com autor desta obra.

Excerto parte 1:

<i>Numeração</i>	<i>Intertextos</i>
6	MODER diz: Pessoal...vou colocar uma questao simples e quero que vcs me resolvam
6	ALUNA 3 diz: tah bom psor
6	MODER diz: Podem falar qdo quiserem....mas procurem ler as respostas do outro...
6	ALUNO 4 diz: manda ae
6	ALUNO 2 diz: tah
6	ALUNA 1 diz: ...
6	MODER diz: podem inclusive concordar ou discordar...
6	MODER diz: Ai vai....
6	ALUNA 1 diz: tah!
7	MODER diz: <u>COmo funiciona uma maquina de lavar...?</u>
7	ALUNA 3 diz: rodando??
7	MODER diz: Sem medo de errar.....aqui nao terah nem certo nem errado...
7	ALUNO 2 diz: atraves do movimento de rotaçãõ e da aqua, que lava as roupas
7,8	MODER diz: Aluna 1....?
7	ALUNO 4 diz:

	eh isso ai coloca o roupa e o negocio fica rodando
7 [A3]	<i>ALUNA 1</i> diz: rodando foi boa.... concordo com o sasa
9	<i>MODER</i> diz: Soh isso....?
10	<i>MODER</i> diz: Entao eh so colocar a roupa e pronto...?
10	<i>ALUNO 4</i> diz: coloca sabão tb
10	<i>ALUNO 2</i> diz: e n pode esquece q tem q aperta o botao, e na hora de secar, ela roda sem aula, causando calor
10	<i>ALUNO 4</i> diz: liga na tomada
10	<i>ALUNA 1</i> diz: e o motor tbm...
10	<i>ALUNA 3</i> diz: eh, vc coloka a ropa na makina, liga na tomada e uma forca faz com q a makina rode e rode e rode
10 [A1]	<i>ALUNA 1</i> diz: sem motor creiu q ela naum funcione neh?!
11	<i>MODER</i> diz: Pelo jeito todos concordam que deve ligar em algum lugar...?
11	<i>ALUNA 1</i> diz: aham!
10 [A2]	<i>ALUNO 2</i> diz: tem um fio por onde passa a corrente eletrica, que liga o motor, que chega no modor e faz com que rode, eh fisica pura
11	<i>ALUNO 4</i> diz: claro..
11	<i>ALUNO 2</i> diz: sim
12	<i>MODER</i> diz: P q vcs estao enfatizando o "rodar"...?
13	<i>ALUNA 3</i> diz: agora explica como eh d verdade
12	<i>ALUNO 2</i> diz: pq ela tem um movimento rotatorio, nao eh?
12	<i>ALUNO 2</i> diz: eu ja puis a cara no negocio pra v, eh mo legal
13 [A3]	<i>MODER</i> diz: Li....vcs eh que me darao a resposta....se nao acabarmos a discussao hj....
13	<i>MODER</i> diz: continuaremos outro dia...
13	<i>MODER</i> diz: !
12	<i>ALUNO 4</i> diz:

	<p>pq tem um treco la que fica rodando quandoo liga ela pelo mmenos aqui na de casa eh assim</p>
12 [A4]	<p><i>ALUNO 2</i> diz: a minha tb</p>
14	<p><i>MODER</i> diz: Todo mundo concorda com isso...?</p>
14	<p><i>ALUNO 2</i> diz: claro, vc nunca fiko vendo</p>
14	<p><i>ALUNO 2</i> diz: ?</p>
14	<p><i>ALUNO 4</i> diz: sim</p>
12 [A4]	<p><i>ALUNA 3</i> diz: aki em casa eh a msma makina eu axo.. e a da Aluna 5 tbm eh o msm processo</p>
12 [A4]	<p><i>ALUNA 1</i> diz: ah minha tbm..</p>
15	<p><i>MODER</i> diz: Mas entao para que ela roda...?</p>
15	<p><i>ALUNA 1</i> diz: pra mistura as ropas e lava-las</p>
15	<p><i>ALUNO 4</i> diz: para misturar agua e sabão pra limpar eu acho</p>
15	<p><i>ALUNA 1</i> diz: com sabaum!</p>
15	<p><i>ALUNO 2</i> diz: para fazer com que a agua escorra das roupas para os furinhos que tem, e para misturar o sabao, qndo esta na faze de lavagem</p>
?	<p><i>ALUNO 2</i> diz: ..</p>
16	<p><i>MODER</i> diz: Mas como funiciona esse negocio de "lavar"...?</p>
16	<p><i>ALUNA 1</i> diz: atrito!</p>
15	<p><i>ALUNA 3</i> diz: para ter as condicoes d lavar todas as roupas, todas as partes delas, misturando o sabao em po</p>
?	<p><i>ALUNA 1</i> diz: ...</p>
15 [A3]	<p><i>ALUNO 2</i> diz: issu ai, a Aluna 3 tah certa, e com isso a lavagem fica uniforme...</p>
15 [A2]	<p><i>ALUNO 4</i> diz: tb acho</p>
15 [A4]	<p><i>ALUNA 1</i> diz: eh...</p>
16	<p><i>ALUNA 3</i> diz: lava qdo a agua e o sabao exercem suas fuincoes penetrando-se nas ropas, e limpando-as</p>

17,18	<i>MODER</i> diz: Mas eh assim simples...?
17,18	<i>ALUNO 2</i> diz: vc nunca viu a propaganda do OMO progress?
18	<i>MODER</i> diz: O q tem na propaganda...?
17	<i>ALUNO 2</i> diz: nao, tem todo o motor envolvido, eletricidade, gravidade
18 [P]	<i>ALUNO 2</i> diz: os krinhas limpando as roupas de fibra em fibra
18 [A2 (2)]	<i>MODER</i> diz: Como assim...?
18 [A2]	<i>ALUNA 3</i> diz: haha essa propagande eh boa...mas eh do ariel e naum do omo
16 [A1],19	<i>MODER</i> diz: A Aluna 1 falou em um tal de "atrito"....
18 [A3]	<i>ALUNA 1</i> diz: hahahaha
20	<i>ALUNO 4</i> diz: o Aluno2 ta certo Moderador
20	<i>MODER</i> diz: No que Aluno 4...?
19	<i>ALUNA 3</i> diz: pq atrito?
21	<i>ALUNO 2</i> diz: aceleração quero dizer, com a aceleração, causa velocidade, e as roupas grudam no ar quente que sai pelos furinhos
19	<i>ALUNA 3</i> diz: o atrito de uma roupa na otra q c esfregam limpando-as
19	<i>ALUNA 1</i> diz: sei la.. pode se!
19 [A1],22	<i>MODER</i> diz: Pode ser o que Aluna 1....?
20 [P],18,19	<i>ALUNO 4</i> diz: nesse negocio da propaganda aitb vie o atrito eh que uma roupa vai entrando em atrito com outra ai junta sabão e agua e sai a sujeiradeve ser isso

Excerto parte 2

<i>Numeração</i>	<i>Intertextos</i>
6	<i>MODER</i> diz: Pessoal....vou colocar uma questao simples e quero que vcs me resolvam
6	<i>ALUNA 3</i> diz: tah bom psor

<p>6</p> <p>6</p> <p>6</p> <p>6</p> <p>6</p> <p>6</p> <p>6</p> <p>6</p>	<p><i>MODER</i> diz: Podem falar qdo quiserem....mas procurem ler as respostas do outro...</p> <p><i>ALUNO 4</i> diz: manda ae</p> <p><i>ALUNO 2</i> diz: tah</p> <p><i>ALUNA 1</i> diz: ...</p> <p><i>MODER</i> diz: podem inclusive concordar ou discordar...</p> <p><i>MODER</i> diz: Ai vai....</p> <p><i>ALUNA 1</i> diz: tah!</p>
<p>7</p> <p>7</p> <p>7</p> <p>7</p> <p>7</p> <p>7</p> <p>7</p> <p>7</p> <p>7 [A3]</p>	<p><i>MODER</i> diz: <u>COmo funciona uma maquina de lavar...?</u></p> <p><i>ALUNA 3</i> diz: rodando??</p> <p><i>MODER</i> diz: Sem medo de errar.....aqui nao terah nem certo nem errado...</p> <p><i>ALUNO 2</i> diz: atraves do movimento de rotaçãõ e da aqua, que lava as roupas</p> <p><i>MODER</i> diz: Aluna 1....?</p> <p><i>ALUNO 4</i> diz: eh isso ai coloca o roupa e o negocio fica rodando</p> <p><i>ALUNA 1</i> diz: rodando foi boa.... concordo com o Aluno 2</p>
<p>8</p>	<p><i>MODER</i> diz: Aluna 1....?</p>
<p>9</p>	<p><i>MODER</i> diz: Soh isso....?</p>
<p>10</p> <p>10</p> <p>10</p> <p>10</p> <p>10</p> <p>10</p> <p>10</p>	<p><i>MODER</i> diz: Entao eh so colocar a roupa e pronto...?</p> <p><i>ALUNO 4</i> diz: coloca sabão tb</p> <p><i>ALUNO 2</i> diz: e n pode esquece q tem q aperta o botao, e na hora de secar, ela roda sem aula, causando calor</p> <p><i>ALUNO 4</i> diz: liga na tomada</p> <p><i>ALUNA 1</i> diz: e o motor tbm...</p> <p><i>ALUNA 3</i> diz: eh, vc coloka a ropa na makina, liga na tomada e uma forca faz com q a makina rode e rode e rode</p>

<p>10 [A1]</p> <p>10 [A2]</p>	<p><i>ALUNA 1</i> diz: sem motor creiu q ela naum funcione neh?!</p> <p><i>ALUNO 2</i> diz: tem um fio por onde passa a corrente eletrica, que liga o motor, que chega no modor e faz com que rode, eh fisica pura</p>
<p>11</p> <p>11</p> <p>11</p> <p>11</p>	<p><i>MODER</i> diz: Pelo jeito todos concordam que deve ligar em algum lugar...?</p> <p><i>ALUNA 1</i> diz: aham!</p> <p><i>ALUNO 4</i> diz: claro..</p> <p><i>ALUNO 2</i> diz: sim</p>
<p>12</p> <p>12</p> <p>12</p> <p>12</p> <p>12 [A4]</p> <p>12 [A4]</p> <p>12 [A4]</p>	<p><i>MODER</i> diz: P q vcs estao enfatizando o "rodar"...?</p> <p><i>ALUNO 2</i> diz: pq ela tem um movimento rotatorio, nao eh?</p> <p><i>ALUNO 2</i> diz: eu ja puis a cara no negocio pra v, eh mo legal</p> <p><i>ALUNO 4</i> diz: pq tem um treco la que fica rodando quandoo liga elapelo mmenos aqui na de casa eh assim</p> <p><i>ALUNO 2</i> diz: a minha tb</p> <p><i>ALUNA 3</i> diz: aki em casa eh a msma makina eu axo.. e a da Aluna 5 tbm eh o msm processo</p> <p><i>ALUNA 1</i> diz: ah minha tbm..</p>
<p>13</p> <p>13 [A3]</p> <p>13</p> <p>13</p>	<p><i>ALUNA 3</i> diz: agora explica como eh d verdade</p> <p><i>MODER</i> diz: Aluna 3....vcs eh que me darao a resposta....se nao acabarmos a discussao hj....</p> <p><i>MODER</i> diz: continuaremos outro dia...</p> <p><i>MODER</i> diz: !</p>
<p>14</p> <p>14</p> <p>14</p>	<p><i>MODER</i> diz: Todo mundo concorda com isso...?</p> <p><i>ALUNO 2</i> diz: claro, vc nunca fiko vendo</p> <p><i>ALUNO 2</i> diz: ?</p>

14	<i>ALUNO 4</i> diz: sim
15	<i>MODER</i> diz: Mas entao para que ela roda...?
15	<i>ALUNA 1</i> diz: pra mistura as ropas e lava-las
15	<i>ALUNO 4</i> diz: para misturar agua e sabão pra limpar eu acho
15	<i>ALUNA 1</i> diz: com sabaum!
15	<i>ALUNO 2</i> diz: para fazer com que a agua escorra das roupas para os furinhos que tem, e para misturar o sabao, qndo esta na faze de lavagem
?	<i>ALUNO 2</i> diz: ..
15	<i>ALUNA 3</i> diz: para ter as condicoes d lavar todas as roupas, todas as partes delas, misturando o sabao em po
?	<i>ALUNA 1</i> diz: ...
15 [A3]	<i>ALUNO 2</i> diz: issu ai, a Aluna 3 tah certa, e com isso a lavagem fica uniforme...
15 [A2]	<i>ALUNO 4</i> diz: tb acho
15 [A4]	<i>ALUNA 1</i> diz: eh....
16	<i>MODER</i> diz: Mas como funiciona esse negocio de "lavar"...?
16	<i>ALUNA 1</i> diz: atrito!
16	<i>ALUNA 3</i> diz: lava qdo a agua e o sabao exercem suas fuincoes penetrando-se nas ropas, e limpando-as
17,18	<i>MODER</i> diz: Mas eh assim simples...?
17	<i>ALUNO 2</i> diz: nao, tem todo o motor envolvido, eletricidade, gravidade
17,18	<i>MODER</i> diz: Mas eh assim simples...?
17,18	<i>ALUNO 2</i> diz: vc nunca viu a propaganda do OMO progress?
18	<i>MODER</i> diz:

18 [P]	O q tem na propaganda...? <i>ALUNO 2</i> diz:
18 [A2 (2)]	os krinhas limpando as roupas de fibra em fibra <i>MODER</i> diz: Como assim...?
18 [A2]	<i>ALUNA 3</i> diz: haha essa propagande eh boa...mas eh do ariel e naum do omo
18 [A3]	<i>ALUNA 1</i> diz: hahahaha
20 [P],18,19	<i>ALUNO 4</i> diz: nesse negocio da propaganda aitb vie o atrito eh que uma roupa vai entrando em atrito com outra ai junta sabão e agua e sai a sujeiradeve ser isso

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV, V.N.). *Estética da criação verbal*. 2ª ed., São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1997;
- _____. (1986) *Speech genres and other late essays*. C. Emerson and M. Holquist (Eds., V. W. McGee, Trans.). Austin: University of Texas Press.
- _____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 3ª ed. São Paulo: Ed. Hucitec, (1929 / 1981) 1986;
- FÁVERO, L.L. - *Coesão e coerência textuais*. São Paulo : Ática, 1991;
- FÁVERO, L.L. & KOCH, I.G.V. *Linguística textual: introdução*. São Paulo : Cortez, 1983;
- HALLIDAY, M.A.K. -. *An Introduction to functional Grammar*. - 2ª ed. . London: Edward Arnold, 1994;
- HOUAISS, A.- *Dicionário Eletrônico Houaiss* - versão 1.0 - Dezembro 2001
- MAINGUENEAU, D. - *Novas tendências em análise do discurso* - Campinas, SP : Pontes - 1989;
- MENDES, F.A.C. & MATTOS, C.R. de - *A análise do discurso no uso do chat como meio dialógico para discussões sobre problemas físicos*. - Paper preparado para apresentação oral no II EIBEC – Burgos/Espanha: 21 a 24, Setembro, 2004;
- MENDES, F.A.C. & MATTOS, C.R. de - *Internet Chat As An Instrument To Produce “More Capable Learners”* - Paper preparado para apresentação oral no XI IOSTE Symposium – Lublin/Polônia: 25 a 30, Julho, 2004;
- MENDES, F.A.C. & MATTOS, C.R. de - *O uso do chat como meio dialógico para discussões sobre problemas físicos: uma análise do discurso*. - Paper preparado para apresentação oral no IX EPEF – Jaboticatubas/Brasil: 26 a 29, Outubro, 2004;
- MENDES, F.A.C. – *Ambientes Virtual e Presencial de Aprendizagem: uma interação dialógica mediada pelo chat*. – Dissertação de Mestrado. Bauru: FC/UNESP, 2004;
- VIGOTSKI, L.S. – *A construção do pensamento e da linguagem* – trad. Paulo Bezerra - São Paulo: Martins fontes, 2000;
- VIGOTSKI, L.S. - *Pensamento e linguagem* – trad. Jefferson Luiz Camargo; revisão técnica José C. Neto. - 2ª ed., São Paulo: Martins fontes, (1930; 1935; 1960; 1966, 1996) 1998.

VIGOTSKI, L.S.. *A formação social da mente: o Desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.*; org. Michael Cole [et al.]; trad. José C. Neto, Luís S. M. Barreto, Solange C. Afeche - 6ª ed., São Paulo: Martins fontes, (1930; 1935; 1960; 1966) 1998;